

JUSTIÇA & CIDADANIA

revistajc@revistajc.com.br - www.revistajc.com.br

Uma justiça mais aproximada do cidadão



Ministro Marco Aurélio Mello

Os malefícios de uma despropositada aposentadoria compulsória

Editorial: Castigo contra juízes!!!

A RECORDAÇÃO E A ESPERANÇA

A herança de Giovanni Falcone e Paolo Borsellino



Desembargador Walter D'Agostino

A nevoenta e chuvosa tarde de quinta-feira, dia 23 de maio, seria uma tarde comum, não fosse o ato que estava a ser realizado na Escola da Magistratura deste Estado.

Ali acontecia, com a presença do cônsul da Itália, Francesco Mariano, e do diretor do Instituto de Cultura Italiana, Franco Vincenzotti, uma homenagem ao juiz italiano Giovanni Falcone, nascido em 1939 e morto, assassinado brutalmente, em idêntico dia e mês do ano de 1992, na localidade de Capaci, na região da Sicília, as 17:58 horas de um dia de sábado.

Nesse dia e nessa hora a *Cosa Nostra* saldava uma velha conta com o juiz que, mais que os outros, a havia combatido.

Poder-se-ia dizer, mas porque a

homenagem pelos dez anos da morte desse magistrado que nem brasileiro era?

A homenagem, partida da sensibilidade do desembargador Marcus Faver, presidente do Tribunal de Justiça deste Estado, e com o efetivo apoio da Escola da Magistratura dirigida pelo desembargador Sérgio Cavalieri Filho, pretendia retratar a vida e a morte de um homem de coragem e teve duas conotações importantes, sem ordem de prioridade, o conhecimento pessoal que teve, desse verdadeiro mártir da justiça, e do direito daquilo que é importante para uma nação por parte do Presidente Marcus Faver, que o tem como padrão a ser seguido, e pelo que está a se passar em nosso País, quem sabe no mundo, com o enfraquecimento das Instituições, que afeta e degrada

a sociedade, tornando cada vez mais difícil a convivência pacífica daqueles que respeitam as leis e querem viver em paz.

O ato tinha, sem dúvida, como pano de fundo chamar à responsabilidade, em primeiro lugar o Governo para as instituições criminosas, que crescem vertiginosamente, colocando em risco a cada segundo a vida dos cidadãos pacíficos, até mesmo no que diz respeito ao seu direito garantido constitucionalmente de ir e vir, bem como alertar aos juizes deste País e, em especial aos de nosso Estado, assim como as autoridades, de quão grande é a tarefa de cumprirmos com missão que juraram defender, a Constituição e as Leis.

Giovanni Falcone não é um mártir da Itália, é um mártir do Mundo.

Disse o desembargador Marcus Faver, que a Itália não é a máfia, dizemos nós, nem a máfia é a Itália. O povo italiano não se orgulha da máfia, tem vergonha dela, e sofre por causa dela, seja diretamente quando sente na própria carne sua ação nefesta, seja quando o conceito do país é diminuído pelo perigo que aqueles que vivem à margem da Lei representam, tirando a segurança de todos.

A mostra fotográfica que se inaugurou no mesmo dia a respeito da morte do grande juiz, teve finalidade didática, porque pretendeu despertar uma cultura anti-máfia, uma cultura anti-crime e criminosos. Para nós brasileiros, teve a importância de despertar uma cultura anti-instituições que vivem à margem ou fora da lei, e, para o compromisso de cada um, os magistrados em especial, para cumprirmos e fazer cumprir a Lei, por mais custoso que seja, se necessário com a própria vida.

O brutal incidente, não enlutou apenas a família italiana, mas as famílias de todo o mundo, não enlutou apenas a família de Giovanni Falcone, mas também as dos seguranças que o acompanhavam, e de sua esposa, Francesca Morvillo, e também da família de Paolo Borsellino, amigo de Falcone, magistrado como ele também morto, dias depois, em 19 de julho.

Disse Falcone, que *"se morre geralmente porque se está só, ou porque se entrou em um jogo muito grande. Se morre também porque não se dispõe das necessárias alianças, porque se é privado de sustentação"*.

Em toda essa situação não pode o Estado deixar que a máfia, ou as sociedades que com ela encontram parâmetros, como o tráfico em qualquer de suas formas e tipos, o jogo do bicho, o vídeo "pocker", o jogo clandestino, a prostituição, a corrupção política e administrativa, e outras que tais, agir como na Sicília, quando a máfia golpeou os servidores do Estado, porque o Estado não é competente para os proteger.

A mostra fotográfica e a palestra, tiveram por finalidade também registrar e homenagear aqueles que aqui morreram por causa do cumprimento de seu dever, e visou chamar a atenção e a revolta contra a violência e quem contra vive às expensas de desrespeitar a Lei e que quase sempre são aceitos pela sociedade, e até por ela homenageados.



Paolo Borsellino, amigo de Falcone, foi outro magistrado vítima da máfia na Itália (alto). A mostra fotográfica inaugurada após a morte de Giovanni Falcone que pretendeu despertar uma cultura anti-máfia (centro). O juiz Giovanni Falcone brutalmente assassinado (abaixo).

A mostra fotográfica denominada *"Recordação e a Esperança"*, é a essência, é o espírito que existiu na tarde nevoenta e chuvosa do dia 23 de maio; Recordação porque os fatos jamais sairão da memória dos italianos e dos brasileiros, e Esperança de que por ela, se possa encontrar caminhos para despertar consciências para o enfrentamento do crime organizado, para o que não se pode ter fronteiras ou limites, há premente necessidade de união em âmbito nacional.

É necessário que todos estejam prontos para cumprir com o seu dever, custe o que custar, pois está em risco a existência de cada um.

Para assassinar Falcone, uma estrada foi dinamitada com precisão cirúrgica, o que demonstra o aperfeiçoamento da *"Società Cosa Nostra"*. Compete à sociedade dos justos também se aprimorar, para o enfrentamento dos que não cumprem a lei; seja onde quer que se encontrem, no tráfico, no jogo do bicho, nas máquinas de pôquer, na prostituição, na política, nos serviços públicos, pois a corrupção está presente em qualquer lugar em níveis inimagináveis.

Não podemos deixar que aqui ocorra o que aconteceu no fatídico dia 23 de maio de 1992, para que não tenhamos o mesmo sentimento que teve o senador e filósofo Norberto Bobbio que declarou ao jornal *La Stampa*: "me envergonho de ser italiano, quando penso que italianos mataram o juiz Falcone. Chegou o momento em que se eu não fosse tão velho, iria embora deste País, pois não suportaria mais o clima moral da Itália".

Quantos brasileiros já pensaram, ou estão pensando, da mesma forma?

Não podemos aceitar o horror em que vivemos, com a violência que campeia e que a toda hora enluta as famílias brasileiras. Há uma profunda angústia, pois vivemos como vivia o povo italiano naquela época, período



Sede do Tribunal de Justiça de Palermo, na Itália

de profunda perturbação na ordem social, em autêntica dissolução moral.

Os fora da lei fazem o que querem, escolhem o momento para atuarem, e os obstáculos colocados pela sociedade organizada, são impotentes para impedi-los.

"O monopólio da força está a toda hora sendo demonstrado, o anti estado é o verdadeiro Estado e esta é a verdade que basta" [Bobbio].

Logo após a morte de Falcone, os jovens e a população da Sicília demonstraram todo seu repúdio, além de passeatas e atos públicos, outros escolheram uma árvore e nela penduraram as demonstrações de carinho, de dor e de revolta. Cesare di Cola o organizador da mostra fotográfica que produziu com seu pai e mestre Giuliano di Cola encerrou sua exposição dizendo: "A imagem geradora da árvore que, assim como o ser humano tem como propósito a realização plena de sua forma, remete à mediação entre as profundezas da terra e as alturas do céu, entre o sacro e o profano, entre o visível e o invisível,

remetendo ao mesmo tempo à claridade à qual tendem as coisas obscuras do homem".

É preciso fazer tudo para que possamos transformar a tarde nevoenta e chuvosa em tarde de sol e calor, em noite de lua e de estrelas, isto só acontecerá se o bem vencer o mal, se nos unirmos, cada um fazendo a sua parte com amor e muita dedicação à causa pública que visa o bem comum e a paz social. Para isto, a solidariedade e a responsabilidade são o elo comum que nos levará a realização do sonho de vivermos em paz.

Necessita-se criar uma cultura contra tudo que não é justo, contra tudo que nos oprime; criar a capacidade de sonhar com um mundo diferente, é necessário alimentar a esperança, sem apagar os fatos da memória.

Giovane Falcone morreu, mas suas idéias estão vivas e caminham pelas nossas pernas.

Desembargador do TJ-RJ